

A história do  
Monumento  
*Amizade  
Sirio  
Libanesa*

Renata Geraissati  
Castro de Almeida

Colaboração  
Diógenes Sousa

Arte: Eduardo Grigaitis



Diretora: Adriana Rizkallah



*Monumento Amizade Sirio-libanesa, em seu local original,  
no Parque Dom Pedro II, centro de São Paulo.  
Sebastião A. Ferreira, 1940*

No ano em que comemoramos o bicentenário da Independência do Brasil, e assim como no ano de 1922, o marco, que é parte da memória coletiva, foi objeto de vários eventos celebrativos. No imaginário da população há uma relação automática entre a Proclamação da Independência e o Bairro do Ipiranga, lugar que entrou para a história como sítio do grito de D. Pedro. Mas a associação do bairro da Zona Sudeste de São Paulo e o evento que demarcou o fim do estatuto colonial do Brasil envolveu interesses, perspectivas e apropriações distintas, que vão desde a sua institucionalização no século XIX, passando por sua utilização pelos imigrantes sírio-libaneses e pelos artistas da Semana de 1922.

Após os acontecimentos de 7 de setembro de 1822, a região do Ipiranga adquiriu importância como local demarcatório do surgimento do Estado-Nação, algo que foi posteriormente mobilizado inúmeras vezes para criar representações sobre o passado.

Já no ano de 1823, José Bonifácio de Andrada e Silva deu a concessão para a construção de um monumento que lembrasse a proclamação de independência e trouxesse maior visibilidade para a região (BARRO, 1979. p.17).

*Monumento à Independência do Brasil, popularmente conhecido como “Museu do Ipiranga”, erguido no local onde Dom Pedro I proclamou a independência, em 1822.*

*Acervo Assembleia Legislativa de São Paulo*

Em 1869, o comendador Jerônimo José de Mesquita dirigiu à Câmara Municipal de São Paulo um ofício ressaltando a “necessidade de erigir-se nas margens do Ipiranga um monumento que mostre aos vindouros o lugar onde se soltou o glorioso grito - Independência ou Morte” (Centro de Memória da Câmara Municipal de São Paulo, 23.04.1869, p.114).

Contudo, apesar do reconhecimento como um local de importância simbólica e das subscrições feitas para sua construção, o monumento foi erguido muitos anos depois, algo que pode ser atribuído a uma disputa na dinâmica interna do governo imperial e à redefinição dos partidos liberal e conservador (OLIVEIRA,1995, p.202).

A construção desse marco denota o embate entre província e governo

central, bem como a tentativa de setores paulistas em retirar da esfera do império o poder para realizar o monumento. Neste jogo político, os paulistas procuraram se qualificar como “berço da nacionalidade”.

Foi apenas a partir de 1881 que o projeto ganhou forma com o desenho de Thomaz Gaudêncio Bezzi e, em 1894, foi iniciada a construção do monumento sob a supervisão do italiano Luiz Pucci.

O empreendimento não envolveu apenas a construção do edifício, mas contemplou também uma proposta urbanística para promover a ocupação da região, com o loteamento de importantes áreas, a abertura de ruas, avenidas e a delimitação dos terrenos destinados ao Monumento e à praça (OLIVEIRA,1995, p.204).



*Riacho do Ipiranga, local onde Dom Pedro I proclamou a independência, em 1822.  
Autoria desconhecida, 1900*

No centenário da Independência, um conjunto escultórico, concluído apenas quatro anos depois, em 1926, foi encomendado ao artista italiano mundialmente conhecido, Ettore Ximenes.

O Monumento à Independência do Brasil contém estátuas que representam episódios incorporados na história nacional como importantes para o processo de Independência, entre eles a Inconfidência Mineira e seus protagonistas, a exemplo de José

Bonifácio. Em seu interior está localizada a cripta que hoje abriga parte dos restos mortais de Dom Pedro I, de sua primeira esposa, a imperatriz D. Leopoldina, e sua segunda esposa, a imperatriz D. Amélia.

O monumento também faz uma releitura do quadro Independência ou Morte (1888) produzido por Pedro Américo, que se tornou um símbolo para o processo de construção de uma identidade nacional.

Em 1886, Joaquim Inácio Ramalho, presidente da Comissão do Monumento do Ipiranga, contratou o artista para reali-

zar uma obra que materializasse a “proclamação da independência pelo príncipe regente D. Pedro nos campos do Ypiranga”. Assim, Pedro Américo iniciou suas pesquisas históricas para elaborar sua pintura, um exemplo de pintura da arte acadêmica brasileira.

Vale mencionar que no ano de 1922, a Semana de Arte procurou associar seu programa de liberação artística com o significado do que a Independência do país representava, porém, rejeitavam as expressões como a de Américo, que ainda estavam atreladas a uma estética “passadista”.



*Reprodução do quadro “Independência ou Morte”, de Pedro Américo.*

Dentro das várias comemorações e homenagens propostas para o centenário, Ettore Ximenes foi convidado a elaborar mais um monumento para a cidade.

Liderada por Basílio Jafet, a Comissão para a Homenagem Sírio-libanesa ao Centenário da Independência foi criada com o intuito de perpetuar e propagar a identidade étnica da comunidade em São Paulo.

O financiamento do trabalho se deu a partir de assinaturas anuais correspondentes a 120 e 2.400 selos entregues junto de um talão assinado pelo tesoureiro da comissão.

Assinaram a cota máxima Nami Jafet, Benjamin Jafet, Basílio Jafet, João Jafet, Chedid Jafet, Nagib Jafet, o fundador da Casa da Boia, Rizkallah Jorge e seu filho Jorge Rizkallah (O Centenário da Independência. O Estado de São Paulo, p.6. 28 nov. 1917).

Em agosto de 1919, ocorreu uma segunda subscrição dos selos, novamente com os membros da família Jafet adquirindo 2.400 selos cada, e outros nomes como Salim Simão com uma cota de 7.200 selos (Homenagem dos syrios ao Brasil. Correio Paulistano. p. 8. 05 ago. 1918).

Um dos principais objetivos empreendidos na construção deste monumento é representado na sua localização inicial que expressava o anseio da comunidade em demonstrar que haviam se tornado “brasileiros”.

Colocá-lo no Parque Dom Pedro II, uma das regiões mais simbólicas da cidade, representava, portanto, uma ação permeada de intencionalidade.

O monumento foi inaugurado publicamente em 1928 em frente ao Palácio das Indústrias, sua cerimônia incluiu uma parada com mais de dois mil soldados, o discurso do prefeito, de vereadores e uma banda tocando os Hinos do Brasil, da Síria e do Líbano.

Tal momento representou uma afirmação da identidade sírio-libanesa na cidade de São Paulo e um estreitamento nas relações entre a comunidade e a terra que a recebeu. (Homenagem Syria – Inaugurase, hoje, o monumento oferecido pela colonia syrio-libanesa ao Brasil. O Estado de São Paulo. 3 de maio de 1928).

O monumento é composto por uma torre de bronze e granito de dezesseis metros de altura, dividido em quatro seções que visavam demonstrar as contribuições sírias à cultura mundial.

Na interpretação de Jeffrey Lesser as cenas retratadas constroem a narrativa de como a grandeza síria transformou o mundo permitindo que o Brasil fosse descoberto e prosperasse, visto que na parte inferior do monumento estão retratados os fenícios como pioneiros da navegação, a descoberta das Ilhas Canárias por Haitam I, o ensino do alfabeto e a entrada dos sírios no Brasil, representando o setor que os deu prosperidade (LESSER, 2001. p. 106).



*O escultor Ettore Ximenes*





O topo do monumento é composto de três figuras em tamanho natural: duas femininas, representando a República Brasileira e uma moça síria e um homem traduzindo um guerreiro indígena. Segundo a interpretação de alguns autores, as figuras podem ser compreendidas como irmãos que compõem a população brasileira. Contudo, Lesser frisa que tal fato não deve ser lido como assimilacionismo, uma vez que a placa dedicatória se encontra tanto em português, como em árabe, significando uma afirmação de identidade (LESSER, 2001).

O monumento também suscita uma importante discussão em pauta atualmente, a remoção e realocação de monumentos. Em 1988, a União dos Lojistas da 25 de Março solicitou sua transferência para uma área fortemente relacionada com a colônia sírio-libanesa em São Paulo, o parque na entrada da rua 25 de Março, em uma tentativa de recuperação de sua função memorial que estava pouco aparente em decorrência de sua antiga localização.

Algumas matérias de jornal discutiram as implicações desse deslocamento. O jornalista Luiz Prado criticou o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat), sublinhando que o monumento permaneceu por 20 anos tampado por tapumes do canteiro de obras da Construtora Camargo Correa, enquanto a empresa realizou obras na estação Sé do metrô.

# Prefeitura vai reinaugurar estátua escondida há 20 anos

Da Reportagem Local

Depois de ter ficado 20 anos cercado pelos tapumes do canteiro de obras da Construtora Camargo Correa (a responsável pela construção da estação Sé do metrô), o monumento à Amizade Sírio-Libanesa vai ser reinaugurado hoje às 12h, em nova localização, na praça Ragheb Chohfi, no início da rua 25 de Março (centro de São Paulo). O monumento foi uma homenagem da colônia sírio-libanesa ao centenário da Independência do Brasil, em 1922. Ao colocá-lo próximo à rua 25 de Março, a pedido da Univincó (União dos Lojistas da 25 de Março), a Prefeitura passa a homenagear com o monumento os seus idealizadores (que imaginaram justamente o contrário com a obra), além de descaracterizar mais uma vez o parque D. Pedro 2º.

As obras de transferência iniciaram-se em novembro do ano passado, e nem mesmo o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat) sabia da existência exata do monumento. Ao indagar junto à Prefeitura sobre a transferência (o monumento encontrava-se dentro da área de proteção do Palácio as Indústrias, tombado em 1982), o Condephaat o confundiu com a estátua do "Semeador", de Caetano Fracarolli, que há muito foi transferida da praça São Vito (na parte posterior do Palácio) para um local próximo ao Ceagesp.

Orçados em Cz\$ 18 milhões, pagos

pela Companhia Têxtil Ragheb Chohfi os trabalhos foram executados pela equipe da Belas Artes Rio Restaurações (a mesma que transferiu o monumento aos Heróis da Travessia do Atlântico para a frente da igreja Nossa Senhora do Brasil) e consumiram muito trabalho dos irmãos Sliachticas, proprietários da empresa e especialistas em restaurações com mais de 20 anos de experiência — também restauraram o monumento do Ipiranga. Foram 120 blocos de granito num total de 150 toneladas, além de 30 toneladas de bronze das 18 figuras humanas.

Apesar de oferecido em 1922 como homenagem ao centenário da Independência, a obra só foi inaugurada em 1928. Devido aos atrasos com o monumento do Ipiranga, o escultor italiano Ettore Ximenes se dividia em seu ateliê na Vila Prudente para acabar os dois monumentos de sua autoria. Com a falta de verbas, a obra só foi inaugurada após a interferência da comissão encarregada da construção, onde figuravam nomes como Nagib Jafet, Nicolau Maluf e José Riskallah, entre outros, que arcaram com muito dos custos da obra.

Com a fundição executada pelo Liceu de Artes e Ofícios, o grupo escultórico mostra figuras humanas representando o trabalho dos sírios e libaneses junto à produção naval, comércio, navegação até a criação do alfabeto. O grupo principal apresenta a figura da República brasileira unindo uma moça síria (oferecendo presentes) ao brasileiro, representado por um índio.



*Inaugurado em 1928, o “Monumento Amizade Sírio-libanesa ocupou lugar de destaque no Parque Dom Pedro II. Na página anterior, subscrição de Rizkallah Jorge ao movimento que financiou sua construção.*



*Já realocado na praça Ragueb Chofi, desde 1988, próximo à rua 25 de Março, o monumento sofre com o abandono do poder público.*

Com tom satírico, o autor também destaca que no momento em que a Prefeitura ordenou a transferência do monumento, o Condephaat não conseguiu determinar a sua localização exata dentro da área do Palácio das Indústrias, confundindo-o com a estátua do “Semeador” (Folha de São Paulo, 26/0388).

Para Prado a transferência significava uma inversão no objetivo dos idealizadores do monumento, bem como representava uma descaracterização no Parque Dom Pedro II.

Para o historiador Jeffrey Lesser, a realocação representou que “em meio século, a afirmação da etnicidade sírio-libanesa assistiu a uma mudança es-

pacial: da nação brasileira (o Parque Dom Pedro II) a seu próprio bairro étnico.” (LESSER, 2001. p. 109).

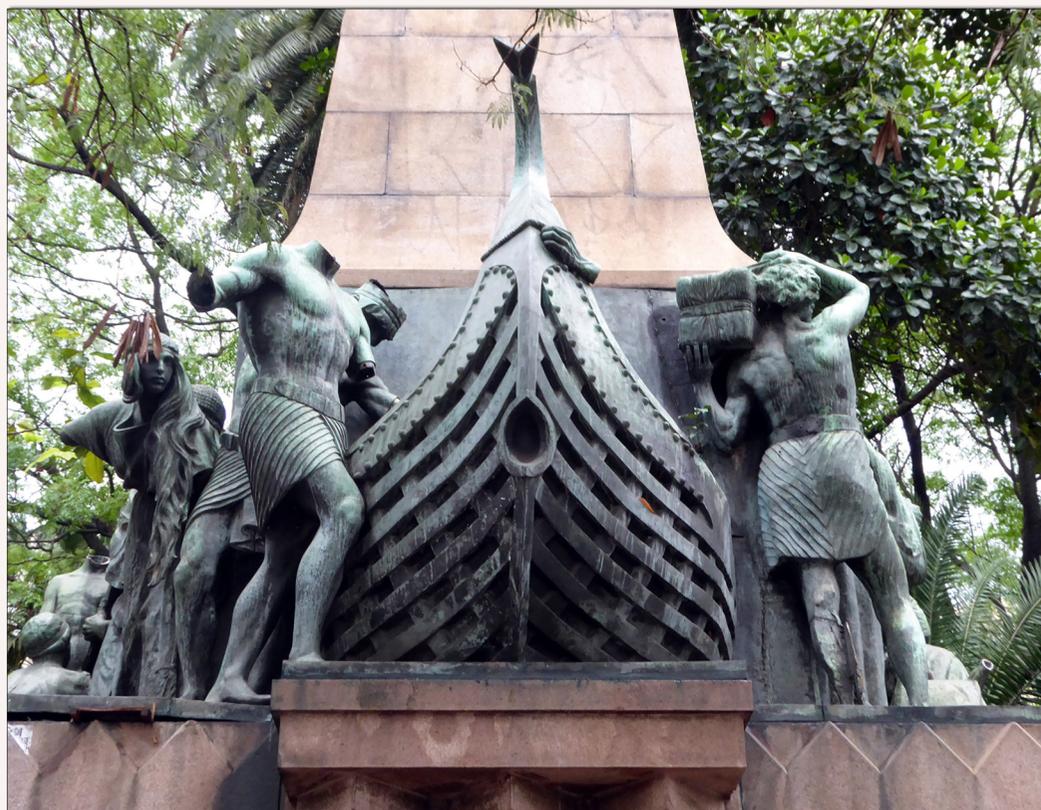
Contudo, deve-se compreender que o próprio Parque Dom Pedro II passou por um processo de modificações espaciais em virtude do desenvolvimento de uma série de obras viárias, deixando de ser um espaço de convivência de pessoas, transformando-se em um local de mera circulação de veículos.

Em 1992 a prefeitura da cidade foi instalada no Palácio das Indústrias como parte de um esforço para a revitalização do edifício e da região do Parque. Desta maneira, questionamos qual a relevância da permanência de um monumento intencional em uma localidade onde ele acabaria

obscurecido? Sua mudança também não estaria ligada a tal constatação?

A entrega do monumento salienta a imagem que a comunidade sírio-libanesa queria que fosse entrelaçada à sua identidade e seus esforços realizando inúmeras iniciativas para arrecadação de fundos que demonstrassem “os sentimentos sírios para com o Brasil” (Colônia Syria: o oferecimento de um aeroplano ao Aero Club Brasileiro. Correio Paulistano. São Paulo, p. 3. 12 abr. 1918).

Ao longo de sua vida Rizkallah Jorge integrou essas campanhas se afirmando como partícipe da sociedade paulista participando do processo de construção da identidade do que é ser cidadão brasileiro.



## BIBLIOGRAFIA

LESSER, Jeffrey. A negociação da identidade nacional. Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

BARCHI, Felipe Yera. Mudanças na representação iconográfica do Brasil entre a Belle Époque Tropical e o Modernismo (1900-1945). org Catherine Berthet Cahuzac, Cahiers d'études des cultures ibériques et latino-américaines, n.7, 2021. Disponível em: [https://cecil-univ.eu/C7\\_3](https://cecil-univ.eu/C7_3).

BARRO, Máximo; BACELLI, Roney. Ipiranga. História dos Bairros de São Paulo, v.14. São Paulo: DPH, 1979. p.17.

Centro de Memória da Câmara Municipal de São Paulo. Anais da Câmara Municipal de São Paulo. Sessão Ordinária de 23.04.1869, p.114.

OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. O espetáculo do Ipiranga: reflexões preliminares sobre o imaginário da Independência. Anais do Museu Paulista, São Paulo, v.3, p.195-208, jan./dez. 1995.

TRAPELI, Percival. <http://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/378641>

*Detalhes do Monumento Amizade Sírio-Libanesa. Fotos de Percival Trapeli, acervo digital UNESP, 2016.*

